

A FESTA DA POSSE

Janja mostra que “tá on”

Socióloga dispensa o tradicional papel secundário das primeiras-damas e cuida de todos os detalhes da cerimônia: da escolha dos artistas do “Lulapalooza” à participação popular na entrega da faixa. Ela já avisou que não será decorativa no governo

» MARIANA ALBUQUERQUE*
» MARCOS BRAZ*

Caio Guatelli/AFP



No fim da noite, com vestido da estilista Helô Rocha e da marca brasileira Neriage, Janja ganha um beijo cinematográfico de Lula, sob aplausos de artistas e do público

Uma primeira-dama mais à frente das decisões, Rosângela da Silva, a Janja, reafirmou, ontem, o poder de influência e participação em assuntos do governo. Durante a campanha, a socióloga de 56 anos já tinha organizado eventos reunindo artistas em apoio a Lula, 77.

Janja foi responsável pela cerimônia de posse do marido do início ao fim. A socióloga acumulou tarefas e centralizou parte das decisões do evento. Uma de suas maiores vontades desde o início da organização era a entrada com a cachorra da família, uma vira-lata chamada Resistência, que viveu a vigília Lula Livre, enquanto o presidente estava preso no cárcere da Polícia Federal, em Curitiba (**leia mais nesta página**).

Pessoas com acesso à organização da posse afirmaram que todas as deliberações dependem do aval da primeira-dama. O desejo de Janja, desde o início, era que Brasília vivesse uma “grande festa popular”. Por isso, foi ela quem desempenhou o papel de convidar diversos artistas do informalmente chamado Lulapalooza, o festival de música realizado ontem, na Esplanada dos Ministérios.

À frente da coordenação da posse, Janja deu a palavra final sobre os participantes do evento, que batizou como Festival do Futuro. Todos eles têm uma coisa em comum: estão profundamente comprometidos com a esquerda e participaram da campanha de alguma forma, explicou Janja.

Significado

A esposa de Lula já afirmava que pretende “ressignificar o papel de uma primeira-dama”, como militante no combate à fome e na luta pela igualdade de

gênero. Segundo um interlocutor do governo, a passagem da faixa presidencial por pessoas que representam a diversidade do povo brasileiro foi idealizada por Janja, desde o início dos preparativos da posse.

Quebrando um dos atos mais tradicionais de posses presidenciais, iniciado ainda na Proclamação da República, em 1889, a petista conseguiu limitar o ruído que poderia incomodar autistas e animais, como a tradicional salva de 21 tiros de canhão. Até mesmo os horários do festival foram calculados por

ela. “A gente espera começar por volta das 17h, porque quer contar com o belo pôr-do-sol de Brasília para termos lindas imagens”, afirmou.

Janja também teve um papel importante na comunicação do evento, podendo opinar sobre a estética do evento e nas peças publicitárias divulgadas nas redes do partido. A socióloga multiplicou as publicações na internet sobre os shows, com pedidos para doações para o festival de R\$ 8 milhões, financiado pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

Roupa

A escolha da roupa usada na cerimônia da posse dá uma amostra das causas que Janja pretende defender nos próximos quatro anos. A socióloga dispensou o vestido e apostou em um dos símbolos da pauta feminista: um terninho claro. Composto por calça pantaloana, colete e blazer acinturado com uma leve cauda, o visual é assinado por Helô Rocha, com a colaboração do ateliê Casa das Bordadeiras, de Natal (RN). O conjunto de alfaiataria

traz elementos que remetem à sustentabilidade e à valorização do artesanato regional. O tecido, crepe de seda, é vintage, reaproveitado de outra roupa. Helô Rocha, que também assinou o vestido de casamento da socióloga, optou por um tingimento natural, de caju e ruibarbo. Os bordados fogem da tradicional pedraria: em vez disso, foram usadas fibras brasileiras, trabalhadas manualmente por um grupo de mulheres nordestinas, as mesmas que decoraram o traje de noiva de Janja.

Em entrevista à publicação de moda *Vogue Brasil*, Janja explicou a escolha do traje. “Queria vestir algo que tivesse simbolismo para o Brasil, para os estilistas, para as cooperativas e para as mulheres brasileiras.” À noite, para a recepção no Itamaraty, a primeira-dama usou um vestido azul, parceria de Helô Rocha com a marca Neriage. Da matéria-prima à confecção, a produção é 100% nacional, para atender o desejo da primeira-dama.

*Estagiários sob a supervisão de Carlos Alexandre

Carl de Souza/AFP



Esperança foi resgatada no Acampamento Lula Livre, em Curitiba

Mascote rouba cena no Palácio do Planalto

Com o rabinho abanando, Resistência foi digna de uma honraria para poucos: subiu a rampa do Palácio do Planalto, acompanhando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Guiada por Janja, a primeira-dama, a cadelinha de 5 anos participou do ato histórico, ao lado do vice-presidente, Geraldo Alckmin e da esposa dele, Lu Alckmin, além de lideranças de diferentes setores da sociedade.

A vira-lata vivia nas ruas de Curitiba, nas proximidades da superintendência da Polícia Federal na capital paraense, onde

Lula cumpriu pena entre 2018 e 2019. Resistência Lula da Silva — nome completo da mascote — apareceu no acampamento de militantes do PT, em frente ao prédio prisional, e começou a ser cuidada por apoiadores que acamparam por lá até a soltura do petista, passados mais de 500 dias.

Adoção

Janja explicou que o nome da cachorrinha é uma referência aos participantes do acampamento Lula Livre. A adoção



Ela passou alguns meses na vigília. O pessoal sempre falou que a Resistência ia subir a rampa”

Janja, socióloga e primeira-dama

começou a ser cogitada pela então namorada de Luiz Inácio durante as visitas ao local. A decisão foi tomada quando a cadela ficou doente e precisou ser internada, em junho de 2018.

“Ela ficou alguns meses na vigília, mas, como fazia muito frio em Curitiba, ficou doentinha, e eu falei: ‘Vamos lá, Resistência, você vai pra minha casa’. Conteei isso por carta para ele: ‘Olha só, temos uma filha nova’”, contou a primeira-dama à TV Globo, em novembro. “E aí o pessoal da vigília sempre falou: ‘A Resistência vai subir ainda a rampa do Planalto.’” (MB)

Nunca antes na história...

Do “causo” sobre a caneta usada na assinatura da posse à presença inédita de uma cachorrinha na rampa do Palácio do Planalto, a cerimônia de investidura de Luiz Inácio Lula da Silva subverteu a tradição. Já no primeiro ato oficial — o desfile em carro aberto da Catedral Metropolitana ao Congresso Nacional —, o protocolo foi quebrado: o vice, Geraldo Alckmin, e a mulher dele, Luciana, acompanharam o cortejo de dentro do Rolls-Royce, dividindo o espaço com o presidente e a esposa, Janja. O esperado era que o casal Alckmin seguisse o cortejo em outro carro.

No desembarque no Congresso, mais uma inovação. O presidente e o vice convidaram as esposas para subirem a rampa primeiro. Com um número recorde de ministras — 11 —, Lula tem enfatizado a importância da valorização da mulher brasileira, um

tema ao qual voltou no discurso no parlatório do Palácio do Planalto, e o gesto simbolizou como ele e Alckmin pretendem governar.

Ao assinar o termo de posse, documento que o formaliza como presidente, Lula pediu a palavra e disse que usaria uma caneta com valor sentimental, e não a disponibilizada pelo Congresso. O presidente, então, contou que o objeto lhe foi presenteado por um apoiador na primeira vez que concorreu à Presidência, em 1989, após um comício no Piauí.

Presente

“Eu estou vendo aqui o ex-governador do Piauí, companheiro Wellington (Dias), eu queria contar uma história. Em 1989, eu estava fazendo comício no Piauí. Foi um grande comício, depois fomos caminhar até a igreja São Benedito. Ao terminar, um cidadão me

deu essa caneta e disse que era para eu assinar a posse, se eu ganhasse as eleições de 1989”, contou. Em 2003 e 2011, Lula usou a caneta oferecida pelo Congresso. Porém, afirmou que encontrou o presente recentemente e decidiu que era hora de usá-lo.

A cena mais esperada da posse foi também a mais inovadora. Como o antecessor, Jair Bolsonaro, se recusou a passar a faixa presidencial, Lula a recebeu das mãos de cidadãos brasileiros que representaram a diversidade. O cacique Raoni Metuktire, 90 anos; o metalúrgico e rapper Wesley Rocha, 36; o professor Murilo de Quadros Jesus, 28; o estudante negro Francisco Carlos Nascimento e Silva, 10; a cozinheira Jussimara Fausto dos Santos; o artesão Flávio Pereira, 50, e o ativista anticapacitista Ivan Baron, 24, seguraram o objeto, colocado no peito do presidente pela catadora de recicláveis Aline Sousa, 33. (MA)

Carl de Souza/AFP



Lula “deu coroa” ao casal Alckmin, feito inédito no tradicional desfile no Rolls-Royce